

AFARRÁBIOS VIII

ALFARRÁBIOS

2016©ssquerdosautorais

Fanzine Coletivo

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Niterói
Brasil

Adriana Mayrinck

Adriana Mayrinck, produtora cultural, fundou a empresa IN-FINITA, morou no Rio de Janeiro e Recife, e em 2017 mudou-se para Lisboa e divulga os autores brasileiros e portugueses, em seus projetos e eventos. Representante da União Brasileira de Escritores (UBE-RECIFE), faz parte da Academia Virtual da Língua Portuguesa, representando o Brasil, na cadeira OLGA SAVARY. Tem um livro publicado, participa em algumas antologias no Brasil, Portugal e Suíça.

Ardência

Se tudo em mim arde, e uma parte é o que sabe, e a outra o que sente

Qual parte de mim me habita, me faz ser, luz e sombra, em segredo

No labirinto do que fui e sou, te refaço em êxtase, sem medo
Amanheço em ti, ávida e sedenta, mas guardo desejos no corpo dormente

Rasgo a neblina que inicia o dia, rastros de luz de tudo o que sonhou

No pêndulo, do ontem e do agora, em quietude e alegria, sorrio languidamente

Dezembro cinzento, invade com o frio os raios de sol no meu corpo lentamente

Não pergunto e busco repostas, no reflexo que o espelho silenciou

Arfante, aspiro o tempo, agarrada a ti, espero que me leia
Dos caminhos que tracei, me perdi de promessas, mas te encontrei

Por entre desertos floridos, espero e vivo por tudo o que desejei

No calor que me incinera, recolho de ti, a chama que incendeia
Fragmentos incandescentes, consomem-me, vivências
No leite quente e acolhedor, esqueço minhas inquietações
No abraço que me agasalha, refugio-me daquelas ilusões
Sou esse vulcão que me alucina, que transforma em rima, ardências

Adriana Mayrinck

Olhos meus

Olhos que ignoram violências,
disfarçam abandonos,
desviam-se do caos.

Olhos que fecham-se para atrocidades,
chocam-se com crueldades,
banalidades e indiferenças.

Olhos que irradiam poesia,
que enxergam melodia,
que desejam florescer.

Olhos ofuscados pelas lágrimas,
da piedade, da rebelião,
do apelo, do grito.

Olhos que anseiam paisagens,
sorrisos, luminosidade, abrigo
generosidade, amplidão.

Olhos que fogem da desunião,
da mesquinhez, da futilidade,
da ignorância, da violência, do não.

Olhos que sonham com outros caminhos,
abraço, carinho, aconchego
um amor, menos devastação.

Adriana Mayrinck

Tempestade - Drikka

Veio disfarçado de tempestade, escurecendo o entardecer.

No início trouxe espanto.

Euforia!

Arrepiou a pele.

Eclodiu num grito sem voz.

Chamava-me!

Palavras jorravam como lavas fulgurantes.

Escorriam em frases ardentes.

Ofuscavam!

Atormentou os pensamentos, alucinações eróticas.

Atravessou as horas impetuosamente.

Arrancou gestos, fantasias.

Devastou tudo o que via.

Ilusão, êxtase, magia.

No amanhecer ... calmaria.

Passou. Feito vento forte.

Não deixou marcas.

Sem arder.

Sem doer.

Sem lágrimas.

Sem gritos.

Silêncio na negra noite.

Aflita, ainda corri para o nada.

Procurava rastros.

Percorri meu corpo com mãos desesperadas.

Debatia-me entre as horas.

AFARRÁBIOS VIII

Queria-te.

Devaneio?

Loucura?

Eras apenas um vulcão solitário.

Entrou em erupção - a me buscar.

Jorrava poesia incandescente.

Mas não teve força para incendiar os sentidos noutra dia.

Não era fogo.

Abafou gemidos.

Sufocou sonhos.

Destruíu a calma da noite.

E esqueceu de deixar lembrança.

O corpo consumiu o que existiu de bom.

A paixão foi tragada pela inexistência.

A alma adormeceu.

As letras findaram-se no ar.

Nada restou.

Adriana Mairynck

Andreia Evangelista

É geminiana de Niteroi, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



Não me seguro mais em nada só no abdômen. Esbarro em vários sentidos nesse caminho de tobogã. Em cima, embaixo, puxa e vai. Me desconheci demais. Era truque da galinha morta em cima de faz a egípcia direto. Cansei. O medo acabou. Assumo tudo. Nada é maior que eu a ponto de me engolir. Nem a culpa, nem a frustração, nem o rumo perdido. Nada é maior que o desejo que me move em direção as estrelas. Nem a vergonha, nem o julgamento. Nada mais vai me afastar de mim.

Sobre a bioquímica escolho as forças elevadas: a paixão, a fé e o transbordamento da superação. Por tudo vibrai! É daí que nasce o milagre. E se não for pra ser milagreira nem sou. Só posso dar aquilo que tenho. Aquilo que sei ser com prazer. Aceitando profundamente aquela que se revela perante mim. Um passo depois o outro. Assim que se dança. Jogando lixo fora. Ladrões da minha criança interior. Vcs que adoram deuses já se adoraram hoje?

Nem sei ser outra coisa que não crente. Pq crente tem fé né? E o resto não está me importando muito. Se direita, se esquerda... Quem é o político preso da semana... Quero limpar essas

AFARRÁBIOS VIII

sujeiras. Escolhendo ser feliz. Cansei de ser teatral. Quero ser investigadora. Ler movimentos. Fazer silêncios. Ficar de papo comigo. Me adorar a Deusa. Me estudar. Investigar meus desejos, escolhas, caminhos, dimensões. Ficar mais tempo em mim. De verdade. Ouvir minha voz. Escolher minha comida. Amar sem esperar que cumpram meu roteiro.

Não acredito em lados. Papo atrasado. Tão repetido.

Tem a nave mãe lá e tem a nave mãe cá.

A de lá só podemos esperar. A de cá é pra mergulhar.

Minha relação com o shibari não passa pelo bdsm. Não tenho preconceito. Acho q existem muitas maneiras de ser feliz. Mas se vier me dando tapa na cara me chamando de vadia eu choro! Me posicionando a frente do personagem.

O lance todo é a bioquímica do corpo. Nas química do corpo e nas químicas no corpo fiz certas investigações. Os alquimistas estão voltando daí pra mais. A sensação de prazer eleva muito a frequência, tá. Frequência alta é saúde, alegria e paixão. Todo o resto é fetiche. Que é bom também.

A sensação ainda é deliciosa o suficiente para insistir nisso.

Não sei o que fizeram de nós que ficamos tão fodidas de cabeça...

desconfio que tem a ver com amor

O anti-amor próprio.

A cópia

A representação

Passo o dia inteiro vivendo histórias criadas pela cabeça

Quando o real chega não me é íntimo.

Não reconheço cotidianos.

As pessoas de verdade erram.

Achamos que somos uma coisa só né. Não pode ser uma coisa e outra antagônica. Não tem ninguém assim aqui néan? Ufa! Ainda bem. Todo mundo em bloco sendo a mesma e uma coisa só em plano americano pq da cintura pra baixo é pecado.

Mônica Porto

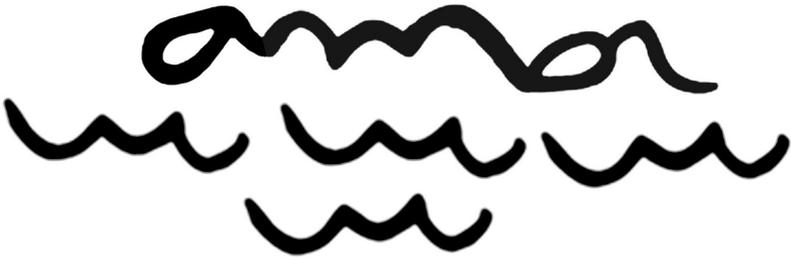


Cláudia Li

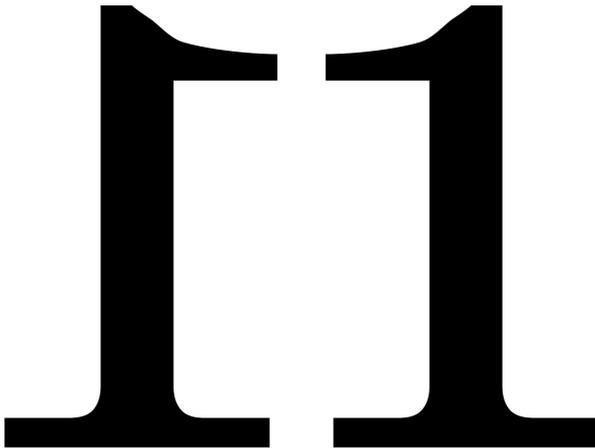
A poeta Cláudia Li, nasceu em Balsas, MA, iniciou sua produção em poemas visuais quando viveu em Niterói, RJ e atualmente vive em Brasília, DF. Participou com poemas visuais de duas exposições coletivas internacionais de Poesia Visual, no Rio de Janeiro.

Nesta edição, o poema visual “Primos” sugere igualdade e amor, pois mesmo que sejam iguais, tudo pode ser diferente, desde que respeitado. Já o poema visual “A mar” encontra em primeiro plano a dualidade entre “Amar e o Mar”, podendo ser dito que há um mar e ao mesmo tempo Amar é sua forma. Dentro dele, ainda se dissolve o seu “m” para dar a forma do seu “A mar” contextual, sensível.

claudia_li@yahoo.com



A mar



Primos

Jammy Said

Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol
Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)
Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



Marcas do Tempo

Meu coração revolto como mar em fúria, despe-
daçado, destruído,
como um fino cristal pelo eco do vento.
Machuca, fere, abre cortes profundos em minha
alma.

As lágrimas teimam em rolar por minha face
como finas rugas que o tempo
colocou como cicatriz.

Marcas de sofrimento.

Tempo, Ah! O tempo...

Tempo que trai meus pensamentos, meus senti-
mentos.

Arrancando meu coração do peito, tira do meu
peito está dor..

Perdi meus cabelos, emagreci...

Tempo que corre, relógio que bate..

Pensamentos confusos, dores absurdos.

Tempo me leve para seus braços, adormecida, a-
nestejada..

Ah!! O tempo acabou.

Classificados

Uma terra cheia de mato,arvores e animais selvagens;
Procura alguém,para ser feliz, produzir e habitar
Um homem cheio de vontade,
Com muita força,rude e feroz;
Procura uma terra cheia de animais
Mato e muitas arvores;
Para produzir ser feliz e habitar
Meu coração cheio de vontade;
Com muita força,rude e feroz
A procura de uma alegria;
Cheia de vida,para produzir ser feliz e habitar
Você é uma vida selvagem,cheia de alegria
Querendo um coração cheio de vontade
De viver
Para ser feliz,produzir e habitar
Onde me encontrar ?
Numa terra cheia de mato
Arvores e animais selvagens
Onde te encontrar?
Me encontrarás no cheiro das flores
No cheiro do mato molhado
Me encontrarás na doce brisa do vento
Entre as nuvens do céu.
Uma mulher a procura sempre de avançar no tempo
Procura um porto seguro,uma aventura
Uma vida se sonhos,um castelo encantado
Uma mulher sonhadora

AFARRÁBIOS VIII

Você um coração cigano,sem destino
Um homem em um porto seguro,encantado.
Um ser único e iluminado
Onde me encontrar?
No espaço,nas nuvens,nas estrelas,no vento..
Em todo lugar,pedaços de sonhos espalhados pela terra e pelo
ar.

Jammy Said



Transparências

O espelho reflete a imagem que não queremos aceitar.
A sua transparência mostra feridas ocultas.
Analiso cada cicatriz.
Cicatrizes Sangram..
Através da imagem revelada de mim mesma,nasce perguntas.
Olho nos meus olhos..
Vejo Cores que inundam meu coração de amor.
A Nostalgia invade meu ser.
Meu coração qcelera..
Sinto minha respiração ofegante que embaça o espelho.
Eu, o espelho e mais nada.
No Espelho embaçado desenho um coração.
Observo!!
Meu reflexo no espelho.
O coração desenhado no Vidro Embaçado ,

AFARRÁBIOS VIII

de repente se desfazendo...

Do outro lado minha imagem Refletida.

Apenas um vidro nos separa.

Transparência presente que alcança minh'alma.

Vislumbro o momento em êxtase.

Ousada tiro cada peça de roupa que cobre meu Corpo.

Observo meu corpo Nù.

Cada curva uma História.

Cada degrau Alcançado no meu Crescimento.

Espelho que me viu menina, Mulher .

Meu corpo desabrochar em flor.

Espelho que muitos não querem Olhar.

Autora: Jammy Said



João Ayres

João Ayres é poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em Niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY BAND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias seu romance

Gramática do Crucial do Desespero e o livro de contos Histórias para nenhum boi dormir.

CONTO DE TOTAL RECUSA

tinha apenas trinta minutos para fazer o que tinha que ser feito. sabia que era isto ou talvez outra e qualquer outra coisa que talvez nada fosse.

este nada ser era então o que mais o incomodava no interior do verbo incomodar.

ele então disse o que disse e constatou o que constatou.

a hora se fazia tarde e ele queria acabar logo com a sua vida que era

o que era ou que parecia ser o que era.

ele queria acabar com a palavra vida.

ele queria acabar com a palavra ser.

ele queria acabar com a palavra palavra

ele queria acabar com o verbo acabar.

Ele havia caminhado por algumas horas. Seus membros rijos apontavam

para o horizonte cada vez mais distante.

E-le andava por aí sem procura e sem destino. Tudo sangrava à sua volta.

E-le não mais tinha dinheiro no bolso. Suas contas atrasadas, o relógio quebrado e o tempo que pesava em suas palavras de sempre. Ele

não gostava desta tal palavra sempre.

ele queria ir embora dali. Queria cortar os pulsos e acabou fazendo o

que tinha que ser feito. Queria que os pulsos tivessem olhos para que

pudessem participar definitivamente de sua angústia incessante.

AFARRÁBIOS VIII

ele pediu um copo de qualquer coisa e a tal ou o tal copo de
qualquer
coisa surgiu à sua frente.
ele engoliu o que tinha que ser engolido e sentiu algo estranho.
Ele
sentiu que não estava mais onde pudesse estar. Ele então de-
vassou o
interior do verbo estar.
ele queria e queria dormir indefinidamente em ar.
ele queria se transformar na palavra ar. A palavra ar em seus
pulmões
mais do que combalidos. A palavra cigarro em seu jeito de quem
nunca
saiu de onde esteve.
O inferno e mais o inferno e mais o inferno à sua frente. Chamas
e
diabos e defuntos que vinham ao seu encontro agora.
Ele nunca gostou deste tal verbo encontrar. Ele nunca gostou
deste tal
verbo procurar.
Ele estava morto em qualquer coisa morta em estar.
ele gostava deste tal verbo estar.
ele podia agora rodar ao lado do verbo rodar.
podia agora abrir a porta deste tal verbo rodar.
podia abrir e fechar a porta ao lado deste tal verbo girar,
podia caminhar por onde o onde se procura.
ele que tinha apenas alguns minutos para fazer o que tinha que
ser feito.
ele mais tardio e mais próximo do que o vento.
ele mais tardio e mais próximo do que o nunca.

joão ayres

POEMAS SEM TÍTULO

I
um poema sangra/
em minha alma rasteira/
ele é feito de nada/
como as nuvens da hora.

este tempo maldito/
resvala nos postes/
enquanto as luzes se apagam/
rasgando o ventre da noite.

II
Duas horas e mais nada/
nesta madrugada de fogo/
o revólver calibre qualquer/
e mais o alento na palavra suicídio.

Duas horas e mais um sujeito/
que aguarda o seu fim/
como quem deglute o vazio/
inerte na palavra abandono.

III
corto o pão/
com a palavra tédio/
quando em mim apodrecem/
frutas vermelhas.

meu mal é estar/
sempre de costas para o mundo/

AFARRÁBIOS VIII

como se fosse possível escolher/
entre a cruz e a espada.

IV

Um desejo de nada/
invade este meu espírito sedento/
e a morte vem ter comigo/
como se eu fosse o seu mais íntimo refém.

Meu corpo esmorece/
e eu me perco em todos os corredores escuros/
para jamais reencontrar o que não fui/
crivado de balas o meu peito.

joão ayres

Jordão Pablo de Pão

Jordão Pablo de Pão

Escritor, Produtor Literário, Revisor de Texto e Professor. Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Obras individuais: “Energia” (Ed. do autor, 2017, fanzine) e “Abre Caminhos” (Ed. Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2017, fanzine). Colaborador de periódicos culturais e curador de atividades literárias, principalmente na cidade de Niterói (RJ).

Acesse www.jordaopablo.wordpress.com

VARANDA

Na grande metrópole, o shopping é a extensão do lar. Sentir-se à vontade, encontrar amigos, sentar à mesa e ter acesso a uma relativa variedade de bens de serviço e da boa e velha comida - que não é de hoje que une os verdadeiros brasileiros. No infinitivo, estar no shopping dá uma acalmada, uma sensação de identificação para os espíritos contemporâneos. Quando entro em um, estou diante de um parque de diversões. Não, você errou se pensou que sou das compras. Já fui. Sou da praça de alimentação que inspira à cultura, sou do ponto de encontro com amigos espontaneamente, sou do ver as novidades e ver gente como antídoto contra a fofoca que alimenta meus pares. O ser humano me move. Este texto, como tantos outros, sai de uma mesa dentro de um shopping. Coisas do atualmente.

UMA NOITE NÃO QUALQUER

Reúno as amigas em casa, álcool brasileiro com cachorro-quente. Um prêmio de música na TV, nós jogados no sofá. O assunto? Nossa eterna mania de acreditar em amores, de propor soluções para paixões desfeitas, de celebrar a nobreza de sermos quem somos. Um brinde à amizade verdadeira, às histórias não publicadas nas redes sociais, à possibilidade de dividirmos a vida. E assim o relógio corre, a troca de percepção sensorial diminui, a sobriedade quase vira mito. Se amanhã tenho de trabalhar ou viajar ou fazer favores, deixo por ora. Talvez o precioso desta quarta, no Grajaú, seja menos eu - e muito menos o eu do amanhã -, mas o definitivo nós, que não define, nos abre caleidoscopicamente as oportunidades de sermos muitos e outros. Chocolate com cerveja, tapioca com café, feijão de mais cedo com omelete da preguiça. Sem talheres, juntos. Mãos sujas, mentes embriagadas, almas sãs. Celebrar a possibilidade maior de amar!

UM MINUTINHO, TEM COMO DAR UM JEITINHO?

Não adianta reclamar. Temos trânsito à beça, é verdade. Temos um milhão de contatos em todos os minutos nas redes sociais. Somos muitos, muitos em cada contexto. Mas existe algo maior quando, ao se encaminhar para experienciar uma obra de arte, centramos nossa energia nessa atividade. Arte nunca foi algo mecânico - talvez aí seu grande mistério de atração. Quando entramos em uma sala de concerto ou em uma galeria de arte, a comunicação se estabelece.

Aqueles minutos anteriores, em que sua alma sai da rotina e da grande roda-gigante de atenções que se tornou a existência

contemporânea, são fundamentais. Você está chegando ainda - Você está ainda chegando - não seu corpo, mas sua alma, sua atenção, sua vibração, sua energia. Deste modo, é necessário o olho no olho, as luzes acesas antes do espetáculo. Nunca se esqueça disso.

Mas sempre há os que chegam depois, entram em um recinto de troca como se chegassem a uma festa, interrompem tudo. Quando chegamos atrasados a um evento, o melhor a fazer é entrar em silêncio, buscar uma cadeira próxima e tentar parar a influência exterior sobre você. Só assim você conseguirá aproveitar um pouco da magia, porque a arte não pode ser repostada ou igualmente reexperienciada - o momento de execução é único e “irrepetível”.

Existe um quadro ainda pior: aqueles que chegam com muitos minutos de atraso e acabam presos na bilheteria ou na porta do local. Aí, meu caro, não adianta espernear ou gritar: chega um momento em que o espetáculo ou a exposição ou o recital precisa se fechar. Energia que circula e precisa ser retida. Na arte, se alguém comunica, outro alguém é necessariamente comunicado. E nem adianta pedir mais um minutinho de tolerância. Volte outro dia.

GRATIDÃO, CLARICE!

A literatura brasileira comemora os quarenta anos de uma de suas maiores obras: «A Hora da Estrela», de Clarice Lispector. Já estava a autora adoentada na Lagoa (RJ), quando terminou e endereçou um bilhete para que uma amiga desse continuidade ao processo de tornar público sua “Hora” editada.

Não se pode deixar de ver, entre as suas linhas e construções, que «A Hora da Estrela» é pautado na emergência da vida, nos entremeios de emoções e de sensações. Clarice nos traz a

AFARRÁBIOS VIII

genialidade de quem sabe o que é existir. A vida pulsa ao se construir Macabéa, uma protagonista de nossas vidas em literatura. É um dos pontos altos de uma artista que não veio a este mundo a passeio.

Não é à toa que Clarice Lispector, ucraniana de nascimento, brasileira de estadia e humana de origem, colocou em suas linhas mais do que si mesma - não escreveria uma autobiografia, como cedo apontara -, cunhou um espelho em que cada leitor vê sua humanidade em lupa, transcendida para um espaço de compreensão muito particular. Ler «A Hora da Estrela» é uma beleza e um desafio.

Clarice é todos nós. Macabéa também, nordestina café frio, que vê felicidade em tudo e em nada, comida sem tempero amornada. Não espere um livro de altas emoções, embora seja necessário olhar para a rua antes de atravessar. Pegue a literatura e a coloque na prateleira das possibilidades de reflexão, aí sim estará, estaremos prontos. “A Hora da Estrela” é de 1977. Poderia ser de hoje.



José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

Uma questão de Ética (2)

Há cerca de um ano postei novamente no meu blog um texto sob o título “Uma questão de Ética”, no qual o professor Ben Dupré, em seu livro “50 ideias de filosofia que você precisa aprender” (Planeta, 2007) coloca a seguinte situação:

“O sr. Quelch não sabia se tubarões tinham lábios e, se tinham, se podiam lambê-los; mas sabia que, se tivessem e pudessem, era exatamente isso que estavam fazendo agora. O balão caía cada vez mais rápido na direção do mar, e ele podia ver claramente, descrevendo círculos na água, as muitas barbatanas dos tubarões reunidos para jantar (...) O sr. Quelch sabia que nos próximos dois minutos ele e os melhores alunos de Greyfriars [uma escola fictícia britânica] virariam isca de tubarão — a menos que se livrassem de mais lastro.

AFARRÁBIOS VIII

Mas tudo já havia sido jogado fora do cesto — tudo o que restava eram os seis meninos e ele. Era óbvio que só Bunter tinha peso suficiente para salvar o dia. Uma situação difícil para o Corujão Gordo, mas não havia outra saída... [está implícito que o sr. Quetch, o único capaz de manejar o balão, não seria uma opção de alívio de lastro].”

Só existem mesmo duas opções: os seis meninos, incluindo Bunter, caem no mar e são devorados pelos tubarões, ou apenas Bunter é jogado no mar e comido. Para Bunter, o desfecho seria o mesmo, iria morrer de qualquer forma, mas, no caso dele ser atirado fora do balão, os demais se salvariam. É o que se chamaria uma “Escolha de Sofia”. Dupré provoca: é válido sacrificar Bunter? O fim (salvar várias vidas inocentes) justifica o meio (tirar uma vida inocente)? O que você faria? Está em jogo uma importante linha divisória de ética — a linha que separa as teorias baseadas no dever (deontológicas) e as baseadas nas consequências (consequencialistas).

A postagem original gerou um estimulante debate. Voltei a refletir sobre o tema ao ler um dilema semelhante, mas em escala imensamente mais radical, proposto por Dostoiévski em seu livro “Os Irmãos Karamazov”, evocado pela escritora Sara Bakewell em seu livro “No café EXISTENCIALISTA”. Ivan Karamázov propõe ao seu irmão Aliócha que ele se imagine possuído de um poder tal que fosse capaz de criar um mundo no qual as pessoas vivessem em completa paz e felicidade até o fim da História. Mas há um preço a pagar, esclarece Ivan. Para isso, Aliócha teria que torturar até a morte uma pequena criatura, um bebê, por exemplo. Você faria isso? - Inquire Ivan, recebendo como resposta um categórico não de seu irmão, para quem nada justificaria a tortura de um bebê, não importa a título de que. Trata-se novamente de uma posição deontológica, semelhante àquela adotada por aque-

les que, no dilema anterior, não atirariam o jovem Bunter ao mar para salvar o restante dos ocupantes do balão.

Dostoiévski era uma importante referência para muitos dos filósofos existencialistas. Assim sendo, a colocação do grande escritor foi objeto de manifestação da parte de diversos expoentes dessa corrente filosófica. Albert Camus posicionou-se inteiramente favorável à escolha de Aliócha. Em seu ensaio “Nem vítimas nem carrascos” escreveu: “Jamais voltarei a ser um daqueles, sejam quem forem, que fazem concessões ao assassinato”. Qualquer que fosse o resultado, comenta Bakewell, “ele não apoiaria nenhuma justificativa formal da violência, sobretudo por parte do Estado.” Jean-Paul Sartre, em meados da década de 1940, tinha uma posição semelhante à de Camus, pelo que veio a ser criticado por outro expoente do existencialismo, Maurice Merleau-Ponty, em sua fase pró soviética. Posteriormente Sartre, assim como Simone de Beauvoir, se afastaram daquela posição, considerando “que era possível e até necessário pesar e medir as vidas de uma maneira judiciosa, e que Aliócha, com sua posição, fugia a tal dever. Passaram a achar que não fazer esse cálculo - contrapor um bebê agora a milhões de futuros bebês - era puro egoísmo, ou simples melindre.” Sartre faz uma contundente crítica à postura deontológica de Aliócha, o personagem fictício de Dostóievski (qual seria a escolha do grande escritor?), e de Camus, personagem bastante concreto. Mas seria o caso de se perguntar a Sartre qual a garantia de que matando o bebê daquela maneira perversa se estaria salvando milhões de bebês futuros. Não há garantia alguma, uma decisão consequencialista numa situação extrema como essa, ou em qualquer outra que envolva derramamento de sangue e mortes em larga escala, será alicerçada em uma profunda convicção de que esse será o preço para atingir-se uma sonhada utopia, entendida como “qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em insti-

tuições políticas e econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da comunidade” (Houaiss). Nessas situações a decisão será sempre uma aposta, diferentemente do dilema do balão, onde se poderia estar certo de que o sacrifício de um dos meninos salvaria o restante dos seus ocupantes. Poderíamos configurar ainda uma infundável série de situações em que a opção consequencialista atingiria as consequências almejadas. Imagine-se, por exemplo, um médico num campo de batalha ao se defrontar com um soldado com ferimentos extremamente graves em uma das pernas, já em vias de gangrenar. Não há cura possível para a perna, mas a amputação muito provavelmente terá como consequência salvar a vida do soldado. Vale o sacrifício da perna condenada. O médico exerce essa escolha, em si pesada, mas necessária se o objetivo primordial é salvar uma vida.

É natural que em situações em que numa sociedade submetida a condições de extremo sofrimento e injustiça muitos se sentirão tentados a optar por alternativa consequencialista, uma revolução por exemplo, na esperança, ou profunda convicção, de que o derramamento de sangue será o preço a pagar para mudar radicalmente a condição opressora da sociedade. A opção seria *justa*, os fins justificariam os meios, como creem os marxistas. Mas, novamente, não há garantia de que, findo o processo, a nova ordem será melhor do que a anterior. Superado aquilo que o sociólogo Francesco Alberoni chama “de estado nascente”, do encantamento do povo com a nova condição, poderá advir um progressivo desencantamento com a transformação atingida. Tal situação é ilustrada por George Orwell em sua fábula política “A Revolução dos Bichos”:

“As criaturas de fora [da sala] olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.” — constatavam os demais bichos que os porcos, tendo assumido ditatorialmente o

AFARRÁBIOS VIII

poder após a revolução dos bichos, que expulsara os donos da fazenda, seus exploradores, com o apoio e o entusiasmo de todos os bichos da fazenda, agora adotavam os vícios dos humanos e confraternizavam com eles num festim de falsidades, jogatina e bebedeira.

Quem está certo? Trotsky, ao afirmar que “O fim pode justificar os meios enquanto houver algo que justifique o fim.”, ou Immanuel Kant, que delineia um caminho o mais oposto possível de se conceber aos sistemas cuja ética seja baseada nas consequências? Cabe a cada um exercer com integridade a sua escolha diante de uma situação concreta, muitas vezes demandando reação imediata. Ressalve-se, por fim, que tal escolha poderá ser oposta àquela exercida no momento do mero exercício intelectual. Conhecendo-se a personalidade e a história de vida de Sartre, Trotsky e Camus podemos acreditar firmemente que eles numa situação real seriam coerentes com suas concepções filosóficas: Sartre e Trotsky pelo consequencialismo, e Camus pela deontologia. O comum dos mortais teria tal coerência?

Abril/2018

José Glauco Ribeiro Tostes

José Glauco Ribeiro Tostes,
Prof. Titular aposentado da
UENF (Universidade Estadual
do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro), no interior do Estado
do Rio

DE “O QUE É CÂNCER?”, PASSANDO POR “O QUE É VIDA?”, ATÉ “O QUE É CIÊNCIA?”

José Glauco Ribeiro Tostes

RESUMO

Primeiro, indicamos o método de trabalho utilizado: todo o material aqui discutido está atravessado pelo grande e único “guarda-chuva” da ciência, mesmo que o método/ordem de apresentação esteja “invertido”, como se vê pelo título. A inversão obedece apenas a um recurso didático.

Segundo, indicamos os dois grandes objetivos: relacionar <câncer-vida> e <câncer-ciência>

O câncer (ou melhor, os cânceres) é uma doença com profundas consequências psicossociais. Tal doença consiste, numa primeira abordagem mais tradicional, na proliferação de células (objetos cerca de mil vezes menores que um centímetro) agressivas – chamadas de “células cancerígenas” – ao organismo vivo. O câncer apresenta em geral dois estágios, na ordem: (a) proliferação se dando em nível local (próstata, mama, etc.); (b) proliferação descontrolada com a migração de células cancerígenas para outras partes do corpo; aqui temo o patamar em geral mais grave da *metástase*. Em suma: (a) câncer *sem metástase*; (b) câncer *com metástase*.

***O que é câncer?**

Vamos começar não diretamente pela única pergunta “o que é câncer?”, mas por duas grandes e diferentes perguntas científicas “feitas ao câncer” e centradas no conceito de *metástase* e amparadas numa notável e criativa (KOESTLER, 1964) analogia entre proliferação de moluscos e proliferação do câncer (MUKHERJEE, 2018). As duas perguntas nos enviam, cada uma, a uma diferente concepção de câncer (uma tradicional, a outra em curso). O conjunto das *duas* concepções (uma tradicional, a outra em curso) nos dá, hoje, um primeiro panorama – ainda bastante imperfeito – do entendimento sobre “o que é câncer?”

***O que é vida?**

As duas perguntas acima sobre o câncer nos enviam, cada uma, a uma diferente concepção científica de origem e evolução da vida, uma delas – conhecida na literatura – apresentada por HOFF (2018), a outra – conhecida na literatura – implicitamente apresentada por MUKHERJEE (2018). O conjunto das duas concepções (uma tradicional, a outra em curso) nos dá, hoje, um primeiro panorama – ainda bastante imperfeito – do entendimento sobre “o que é vida?” Aqui tentamos relacionar <câncer-vida>.

***O que é ciência?**

As duas perguntas acima sobre o câncer nos enviam, cada uma, a uma diferente concepção de ciência, implicitamente contidas em MUKHERJEE (2018). O conjunto destas *duas* concepções de *pensamento científico* (uma concepção tradicional, a outra em curso) nos dá, hoje (admitimos, de saída, o caráter *histórico* da ciência), um primeiro panorama – ainda bastante imperfeito – do entendimento sobre “o que é ciência?” Aqui tentamos relacionar <câncer-ciência>.

APRESENTAÇÃO APENAS ESQUEMÁTICA DO TEXTO COMPLETO

*INTRODUÇÃO

***CAPÍTULO I**

PRIMEIRA PERGUNTA (TRADICIONAL) “AO CÂNCER” (PC1)

PENSAMENTO CIENTÍFICO (TRADICIONAL) NEWTON-CAR-
TESIANO (P1)

CÂNCER-VIDA (PARTE I)

CÂNCER-CIÊNCIA (PARTE I)

***CAPÍTULO II**

SEGUNDA PERGUNTA (ATUAL) “AO CÂNCER” (PC2)

PENSAMENTO CIENTÍFICO (ATUAL) SISTÊMICO-COMPLEXO
(P2)

CÂNCER-VIDA (PARTE II)

CÂNCER-CIÊNCIA (PARTE II)

Maria Angélica Carter Morales

Foto: Gustavo Goñi

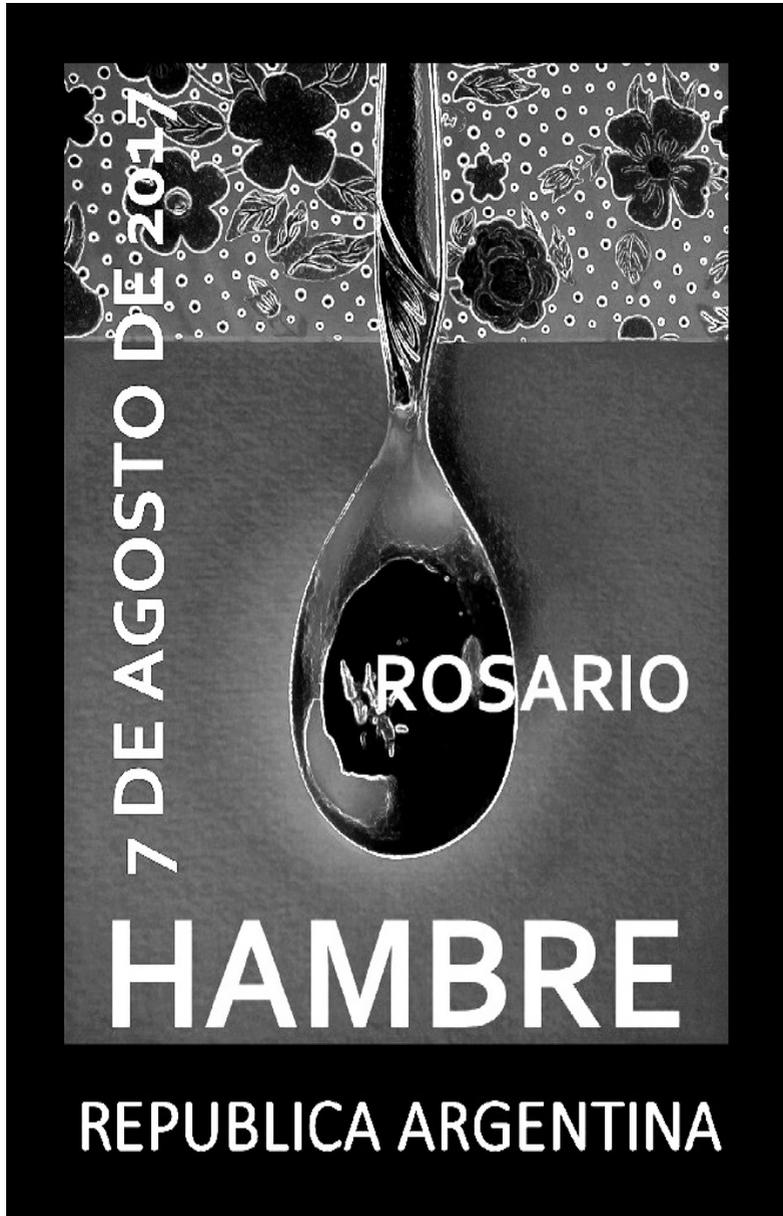


A artista visual, ex-professora de artes e atualmente gestora cultural autônoma, Maria Angélica Carter Morales nasceu em Santiago/Chile, e está radicada em Rosário/Argentina. É graduada em Bellas Artes pela Universidad Nacional de Rosário, tendo participado com suas criações gráficas, poesia visual, arte postal, gravuras, livros de artista etc, em mais de 300 exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais.

Nesta edição, colabora c/ alguns de seus Selos (Estampillas), criados p/ o segmento da Arte Postal (Arte Correo, Mail Art). Segundo a artista: “La red de arte correo, o postal, es una traza inusual del arte y del ámbito museístico; ‘ahí’ todo es posible, en síntesis, un mundo de artistas invisibles, “de comunicación mano en mano” (cita de E. Vigo). La Estampilla de Artista es una de las múltiples formas y posibilidades de lo postal. Me interesa explorar su diseño/producción, precisamente, por la preponderancia y la efectividad de lo pequeño. Pues estimo, desde lo ideo-operativo, lo discursivo y sus posiciones/prácticas, que los artistas correistas son potenciales transformadores de las escenas locales.

Aspecto técnico de las estampillas: el diseño gráfico y las fotografías son de mi autoría; también, en ocasiones, me apropio de imágenes gráficas.”

rosangelux3@gmail.com



Hambre 2

MARIA ANGELICA CARTER MORALES

Museo Infantil de Osorno



Vigo 2 - homenagem





Vórtice 20º Aniversário

MARIA ANGÉLICA CARTER MORALES

Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.
www.marcovalenca.com

Marco Valença

AFARRÁBIOS VIII

FORA

não foi a primeira vez

que recebi de amigos
ou de amores

cartas de adeuses

vezes muitas laudas

ou simples bilhetes

com o mesmo peso e drama

de elefantes ou alfinetes

com fundamentos plenos

ou meros cios afluentes

há mensagens que doem

outras que aliviam

e questões filosóficas
que tecem estribilhos

há textos que comovem

outros que hilariam

e sins e nãoos caóticos

montanhas que não movem

AFARRÁBIOS VIII

não é a prima foz
que em mim deságua sangue
de amadores

réstias bandidas
vezes abstratas
ou reais vinténs
com a mesma pele e trama
de renegados ou de reféns
com a razão do básico
ou talvez, poréns

não será a última vez
que xingo a palavra amém

marco valença.

maio.2018.

NADA, NINGUÉM, NEM EU

ninguém há de guardar termos
para justificar todos os erros
assim como ninguém
me fará calar aos berros
meus gritos de suicídio
nesta terra de céus e de infernos

alguém há de me aguardar
no portal do paraíso dos desvelos
sim, um simples algum alguém
de quem eu não goste
porque nem mesmo conheço

este alguém é ninguém
como eu que me mereço
porque me desejo o fim
sem me lembrar do começo

marco.

set.2017.

AMO POR MIM

não amo só por mim
o amor é uma armadilha
inevitável
que nunca vai ter final

usurpador de tinos
o amor não é matriz
se faz de filial
se torna pátria única
religiosidade múltipla
familiar mordança
invento do afinal

não amo nem por sim
o amor é uma matilha
de hienas
de sirenas
de causas extraterrenas
de seres abissais

político cretino
o amor não é um triz
se diz no jornal
se traz e é coisa espúria
atrai e se faz sórdido
cartão postal

AFARRÁBIOS VIII

mas também tem seu mel
saliva e carícia
que vem quando empunha
em sua cunha
pincel e cizel

o amor tem seus anzóis
que não tem outro fim
a não ser ferir
e conquistar
e consumir
a vida dos peixes
o amor tem seus anéis
e algemas
torturas, mansidões
teoremas sem exatidão

o amor não quer o bem
quer o bom
o amor é um buquê de sins
exalando nãoos

não amo por mim
vivo vil por senões

marco valença.
29.05.2018.

Mônica Firme Macié!

Nasceu em 1961 na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, cresceu em Ipanema e se mudou para Niterói em 1974, escreveu seu primeiro poema aos 11 anos, e publicou alguns escritos em fanzines alternativos durante os anos 80 e 90. tendo também participado de vários saraus. Aqui teve 3 filhos e se descobriu poetisa alternativa, se sentindo honrada por ser convidada a participar de “Alfarrábios “ em tão ilustre companhia.

Sou uma criatura livre, independente e sorridente, não tenho papas na língua nem calos nos pés. Minhas obras primas são meus 3 filhos, Amora, Manuela e José Pedro, cometo alguns poemas, tenho 56 anos e me recuso a me sentir uma velha enquanto eu conseguir subir numa árvore, pular um muro e descer uma cachoeira escorregando. Sinto-me muito honrada e grata pelo convite dos amigos (meu e das Palavras) Paulo de Carvalho e João Ayres, grandes Poetas e amigos porretas, EVOÉ!

Prosa ao poeta que era rosa

(homegam a Vinicius de Moraes)

Poeta, eu te quero tanto tanto
Que de tanto, tão sem jeito eu fico
Na tua presença
Presente
Transparente
Divina
No aroma da rosa que me deste
Eu sinto os cálidos lábios teus
A me dizer que me amas
E os cálidos beijos
Com que me vestes
Da emoção dos gestos teus
Apaixonados
E dos meus lábios delirantes
Quisera fazer no meu corpo
De mulher
A poesia viva
Dos corpos ardentes dos amantes
Depois, após as doidas noites de amor
Poeta e transparente
A saudade, de novo viva na poesia
E a poesia, de novo viva na saudade

Onde estão, Oh Igrejas?

Cruel e católica

Os livros milenares

Da nossa civilização amazônica,

Eu quero lê-los, pois sou sua herdeira

Onde estão, Oh cobiça,

Os dourados filhos do SOL?

Plantaram no lugar deles

Os filhos da dor

E chamaram a terra livre

De propriedade privada

Colonizaram e torturaram

Todo um povo e uma cultura

Chamaram o martírio de Jesus

Até hoje tenho que conviver comj os algozes

E os que ganham salário do medo

Cadê a gente bonita?

Na televisão?

Arghhh!

Um dia nossa sociedade

Vai vomitar todo o seu fel
E os que sobrarem
Serão de novo
Os filhos do SOL

(AMOR)

Um soluço mudo
Uma lágrima de orvalho
A vida lá fora

Um coração fechado,
Incapaz de amar.
Sofre, sem ninguém saber o quê
Um coração morto,
Sem vida,
Sem alento,
Sem alegria.
Uma alma que implora
O quê?
Amor? Compaixão? Paz?
Não sabe.

E , em seu labirinto, ela se fecha e morre.
Morre queimada pelo desejo do amor.
Respira

AFARRÁBIOS VIII

Ela dorme.

Há marcas

Marcas de uma espada de dois gumes

Que fere, mata, ama e constrói

Que alegra e entristece

Que dá sono e insônia

Que dá céu e inferno

A eterna batalha da vida

No [íntimo,

Do eu, do você.

Que é você?

Você me traz paz?

Me traz uma opção?

Um novo caminho?

Ou uma arma que mata sem sangue?

Por fim, surge você.

Depois da curva da estrada da vida

Olá, amor.

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.

Mar de Barbados

Conto

Nervosa, demais da conta. Atormentada por capetas íntimos e desconexos, ela precisava mesmo espairecer. Foi por isto que lhe fiz o favor.

Desanuviador de mentes conturbadas que me fiz ali, naquela época, peguei meu fusca velho de guerra e fui, levei a pobre para conhecer a estrada da vida e se fazer mais calma. Gosto de uma boa conversa com ela. Amigos íntimos que éramos, ela também gostava, além da conversa, de chão e de estrada.

Gasolina cara (pelo menos para mim, que andava duro feito casco de cabra, naquele tempo), rodamos não mais do que um tanque até que o carro – ou a vida – parou, ali mesmo, entre um pedágio e uma reta margeada por uma verdejante imensidão. Havia chovido, bem fininho, e o verde era limpo, brilhante. Olhar aquilo espremia a alma de tão bom. Fazer o que?

Achamos bom sim. Os dois. Vida parada sempre foi igual à história dando partida e seguindo célere, ao rumo imprevisível que as histórias transcorrendo têm.

“Mar de Barbados”

Estava escrito num cartaz destes de turismo, velho e amarelado, pregado num canto escondido do restaurante, ao lado do pedá-gio. O cartaz acabou sendo o fio da meada da história que resolvi contar ali, algo assim, exagerado, parecendo verdade, como do-cumentário do Discovery Chanel. Disse a ela que ia lhe contar um caso acontecido – não comigo, frisei, para dar veracidade a prosa – com alguém, meu conhecido.

Daí, depois que comecei não dava mais para parar. De início, mentindo, fui contando como se o fato narrado dissesse a mim mesmo respeito. Quando bem me dei conta da fantástica credibili-dade que conseguira inculcar nela e nos expectadores (sim, porque, a esta altura, todo mundo no restaurante estava ligado, grudado na história, como insetos inocentes num papel de pegar moscas)

Fui, assim, perdendo inteiramente o juízo do que era verdade ou mentira. Pronto, sem saídas, também pego pelo pega-moscas das inverdades verossímeis, fui enveredando, me enredando, eu mesmo, naquela história toda, cabeluda, descabelada mesmo que só vendo.

Mar de Barbados?

O que poderia significar isto? – Pensei eu. Uma imensa multidão de homens barbudos? Um mar tormentoso, encapelado? Ou uma misteriosa história de amor transbordado de algum mar simbólico destes, esparramado por aí?

De raiva pela longa espera, enfiei na história algumas mulheres ruins que conheço (entre as quais não está ela de modo algum), no papel das bandidas, das vilãs, algozes de alguém. Nem fui eu, a vítima, fui logo dizendo, para lavar, e deixar bem limpinha, alguma dúvida. Qualquer coincidência será, portanto, mera seme-lhança.

Vocês vão sentir, no transcorrer da história, uma dificuldade imen-

AFARRÁBIOS VIII

sa em reconhecer as insanas e cruéis criaturas, instigadoras de despeitos, líquidos e certos, como profecias. Elas, as bruxas malvadas, personagens indelevelmente feitos, exatamente, como praga de mãe.

Podia dizer aqui que elas, de tão poucas, nunca existiram, mas, não digo. Existiram sim. É que quero purgar a raiva que tenho delas, aqui, impunemente.

O mais não afirmo ser verdade. Nem que sim nem que não. Deixo fluir.

O fato é que, verdade ou mentira, tempo de história flue mesmo, tão rápido que nem se vê. Quando é mentira, melhor ainda porque a mufa que o contador queima para dar consistência e conteúdo às mentiras mais deslavadas que conta, anima a história de fogos e chispas maravilhosas, mais ou menos como quando riscamos curvas sinuosas com um tição em brasa, formando aquela cobra de fogo que inscrita no ar, se move louca, apesar de nem existir.

Eletricidade pura sem eletricidade ser. Energia cheia de nada que não seja beleza inexplicável. Lindeza primitiva como cinema de homem das cavernas de Cro-Magnon.

Foi assim que então, enfim, era uma vez:

Mar de Barbados

Teria existido mesmo aquela minha tia esquizofrênica que, falando pelos cotovelos, me contou aquela história doida? Teria sido ela uma rendeira de mão cheia, lá em Ribamar das Farinhas, uma cidade sem homens, no litoral do Maranhão?

Teria ela se amasiado mesmo, com um gordo pescador, nascido nos mares do Caribe e, sabe-se lá porque, aparecido justo ali no Maranhão, o qual – bela coincidência que os unia – tecia lindas tramas em redes de pesca como ninguém mais por ali?

Caribe? Maranhão? Ora direis: Dizeis mentiras. Mas não. Caribe

AFARRÁBIOS VIII

e Maranhão, posso jurar: Tudo a ver.

Encontraram-se por conta de um acidente marítimo. Deu até no jornal de São Luiz do Maranhão de 25 de maio de 1983. Podem ver, conferir, recortar, se quiserem. Ele retirado, desfalecido, encharcado, depois de caído de uma traineira naufragada, veio arastado pelas correntes até, sem mais nem menos, dar nas praia do Maranhão.

Foi o que se deu.

(E o fusca velho lá, parado)

Minha amiga e os espectadores do bar, já neste comecinho da história, se entreolhando curiosos com a dúvida atroz que os atormentava: Longe, muito longe dali, mar à dentro, se o homem da história não engasgou com os filhotes de sardinha, dos diversos cardumes que o atropelaram, num daqueles glub glubs do seu afogamento; se também não boiou, porque não tinha consciência para o querer; se afundou, de pronto; se gordo como era, nem se o espetassem com um arpão como uma baleia jubarte, emergiria daquele afundamento; se condenado estava a ficar lá em baixo, como uma âncora ou uma coluna do colosso de Rhodes, desmoronada no fundo do oceano, ou mesmo um galeão espanhol pesadão, apesar de não conter tesouro algum; como foi que se salvou do mar?

Calma. Vamos chegar lá. Nem tudo é bem o que parece.

Foi assim: Algo o despertou do desmaio profundo e o impeliu à tona, segundos antes da morte definitiva. Tambores na água, graves e profundos, ecoando na cabeça, a cada vez que afundava e emergia para sorver algum ar. Sem sonhos com sereias, o que perseguia mesmo, a cada flash de olhar por sobre a lâmina cambiante e louca das ondas, era uma tábua, algum destroço qualquer em que se agarrar, como aquela lasca de convés a qual, por fim, se agarrou até chegar à praia.

AFARRÁBIOS VIII

'Barbados island ' estava escrito na esfarrapada camiseta dele. Passou algum tempo para que a professora Maria José da Conceição Duarte, a boa moça mestre-escola da vila, chegasse e dissesse que o pobre, talvez viesse de Barbados, uma ilha paradisíaca, localizada mar à fora, um pouco longe dali.

Com efeito, o homem, embora se falasse inglês em sua ilha, espanholava, atabalhoadamente, as palavras como se bêbado de água do mar estivesse. Gordo como barril de rum parecia confundir no transe, os últimos momentos do naufrágio com a beleza que vira logo, assim de relance, no verde dos olhos dela, aquela que o acudira, antes de todas, a primeira que ele viu quando acordou na praia. Ela sim, a minha tia Almerinda.

_ “Oh, Oxalá! Iemonjá!”

Balbuciu ele, o marujo naufragado, confundindo-a com estas amazing beatifull ladies, de longos cabelos negros, que os crentes no culto dos yoruba – ou os angolanos com suas Kiandas – pensam que são sereias encantadas; ou os cétricos vendo meras baleias magras; tubarões fêmeas famintos para os apavorados; peixes voadores para os destrambelhados, avoados, ou mesmo, como em nosso caso, uma mulher linda de lindos olhos, para aqueles que, embriagados pelas águas marinhas (como o nosso naufragado), pensam que morreram afogados e que, sem contabilizar sequer um dos pecados, já se sentem de antemão aceitos, compulsoriamente, nas camas do paraíso.

Minha tia pegou a mão do gordo com toda a vontade de revivê-lo. Se para si ou se para o mundo, não se podia saber ainda. As outras pessoas que chegaram, todas elas mulheres, já passadas nos anos, do mesmo modo afoitas e curiosas, viram o afã de minha tia, porém, pensaram que, certamente, ela só o queria salvar para o mundo.

Tia Almerinda, sestrosa como sempre fora, bonita mesmo, embora passada pelo tempo, não iria, de modo algum, se apaixonar assim, à primeira vista, por um estranho qualquer, um reles ma-

AFARRÁBIOS VIII

rinheiro gordo e esfarrapado. Foi o que as amigas rendeiras, no fundo no fundo, pensaram, entre os cochichos.

Mas foi. Apaixonou-se, perdidamente. Não se sabe se por algo que ele lhe falou ao ouvido, ali, na hora do transe, na quase morte. Não se sabe se alguma benção trazida pelo vento, pela marésia, o certo é que daí em diante, minha tia só teve olhos para o gordo barbadiano esfarrapado.

E foi, de fato, aquele calor do tato dela a força que o salvou. O calor dela, afogueada de paixão. O tênue calor dela, subindo pelos punhos enregelados dele, pelos braços, pelos ombros e avançando, já como fogo puro, pelo pescoço dele, fazendo seus olhos se abrirem, hirtos, para aquela visão dos olhos verdes dela, que eram, aquela altura, apesar das finas rugas que ele ainda não via, a mais pura aparição de uma virgem africana do céu: Yemonja! Kianda! Sim, foi isto que o salvou.

E minha tia até remoçou, ali mesmo. Ruborizada, se viu fazendo, de novo, quinze anos.

E o fuscão velho lá...

Lá, no tempo. Visto através da vidraça do restaurante, emoldurado pelo lancinante verde da paisagem. Parado, tenso, sedento no seu vício de gasolina a ser saciado sabe-se lá quando e por que meios.

O dia passava, isto sim. Entretidos na história que eu ia entabulando aos poucos, nem víamos o sol se pondo, nem pensávamos na noite que vinha escurecer o verde daquela já chata paisagem.

De que jeito sairíamos dali, retornando a modorrenta vidinha de sempre que levávamos? Antes tristes como quaisquer solitários oriundos de uma cidade grande como a nossa, sem ninguém de interessante para rever, não tínhamos mesmo razão alguma para voltar. Para que?

Ali, enovelados na embriagante trama de minha tia louca, sem

AFARRÁBIOS VIII

nos confessarmos ainda entediados, não nos interessava mesmo mais nada, senão ficar por ali, viajando naquela surrealidade boa e pagã, ainda sem final algum previsto.

John Winfred era o nome dele, do barbadiano, pelo que se conseguiu entender. John Marshal Winfred II, para ser mais exato, como estava escrito no documento que caiu do seu bolso, salvo do esfarrapado de suas roupas imprestáveis. Magro, negro e bonito no retrato que, talvez, quem sabe, tenha tido lá suas implicações sobre o bem querer dela.

Pudica e comedida, ela relutou um pouco, quando as amigas sugeriram que o levassem para casa dela. Por que logo para lá? Pensou. Única casa quente e acolhedora disponível, pensaram todas. Viúva sim, há tantos anos. Sem filhos, pelo menos que do paradeiro tivesse conhecimento, mas, o que faria com um homem em casa, depois de quinze anos sem ninguém? O que diriam as outras, as carolas da vila, as não rendeiras, solteironas, inimigas das mulheres que, pelo menos um dia na vida, tiveram maridos?

Mas logo decidiu que mandaria tudo aos quintos dos infernos. Pescara o homem. Gordo, estranho, barbadiano, mas, um homem quente e bom, como estava escrito nos olhos dele.

Sem se fazerem de rogadas, as carolas chegaram à praia, logo depois, justo quando o grupo de rendeiras levava o naufrago numa rede, para a casa dela. Na confusão, suspeitosas e rancorosas que eram, pegaram, sem ninguém amigo ver, a carteira do homem, que levaram para alguma eventualidade maldosa qualquer.

...E o pobre fusca lá, coitado, curtindo no sereno

Que se danassem as vidas e os passos passados. Arranjaríamos uma hora dessas alguma gasolina emprestada, alguma carona num ônibus daqueles que chegavam e partiam, hora sim hora não, escritos no para brisa a giz, qualquer horário para qualquer

AFARRÁBIOS VIII

itinerário: 'Rio-para-Não-sei-adonde', 'Não-sei-adonde-para-Rio', ponto a ponto, mais hora menos alguns minutos, assim que a história se esgotasse e nos retirasse daquela felicidade dos quartos e quintos do céu.

Disse quartos? Ah, sim, foi ato falho, claro. Disse-o sem pensar. De amigos íntimos que éramos, nisto, de sexo, nem pensávamos (pelo menos assim, de demonstrar, abertamente), O que admítamos e que nos apetecia mesmo, era aquele ventinho morno que se seguia a cada pancada de chuva de verão e o milagre que achávamos ver no capim ficando verdinho, ali, na nossa cara, instantaneamente, como uma safada mágica de Deus (pensando bem, cá entre nós, até que isto era como sexo sim. Dava gozo de ver).

Não sabíamos também – e isto, devo confessar, nos excitava – o quanto de mentiras ou verdades a história começada ainda poderia ter. Queríamos sim, desejávamos até, secretamente, é que a história se prolongasse o tempo que fosse, e nos permitisse – pelo menos isto – partilhar no fim da noite, o calorzinho do balcão do restaurante da estrada, os salgadinhos folheados, o misto quente... ah, os nescaus quentinhos das paradas de ônibus de madrugada, quem poderia a eles resistir.

Minha tia ardentemente devota de seu achado, recuperou-o da febre, dos lanhos da tábua de salvação, dos beliscões dos peixes e das queimaduras de água viva. Com ele ainda dormindo, reparou na pele de um dos braços, uma perfuração estranha, parecendo de bala de revólver. Não se importou, nem comentou sobre aquilo com ninguém.

— "Tank you, honey! Jamás te olvidaré, querida.!"

Era o pouco que entendia do que ele dizia, sempre inglesando, espanholadamente, como um Nat King Cole solfejando boleros.

AFARRÁBIOS VIII

Com ele curado de tudo, mais gordo ainda, amasiaram-se. Ele, safado como que. Minha tia, remoçada, rápida nos bilros, tecendo as toalhas de mesa e as colchas mais brancas e delicadas deste mundo. Ele, braço enfaixado ainda, sorriso branco e largo, tecia as tramas mais precisas, das redes mais perfeitas de todos os estranhos mares em que vivera, os de lá e os daqui. Estranho pescador que era, contudo, não pescava nunca. Enjoara, marea-ra, diziam as amigas rendeiras solidárias.

O certo é que viveram felizes, enquanto deu

Até o dia em que as carolas apontaram lá na ponta da praia, com o sol a pino, os pés descalços guinchando na areia como ratos briguentos, seguidas por cinco homens. Homens ali? Só podiam ser da polícia. E eram: Polícia Federal, disseram.

_ ‘O Sr se chama John Marshal Winfred? ‘ – Disse o que parecia ser o chefe dos policiais.

O gordo fechou o sorriso e fez que sim com a cabeça, dizendo ok, conformado. Pelo que ela entendeu, a Capitania dos Portos de São Luiz, de posse da carteira dele, levada pelas carolas, passou um rádio para a polícia de Barbados, que identificou John Marshal como sendo o único homem que escapara de um ataque de uma lancha da Drugs Esforcement Agency, o DEA norte americano, a um barco de traficantes, que partira de da ilha de Barbados com meia tonelada de cocaína.

Quando viu o último amor de sua vida partindo algemado, de volta para o mar (e por assim se dizer, desnafragado) foi o coração de minha tia que naufragou e afundou, para sempre. Ela, que já não era muito boa da cabeça, destrambelhou de vez. As tramas de suas rendas passaram a ser, em vez de flores e ondas do mar, aranhas caranguejeiras, tecidas com linha preta, como teias letais. Na mente conturbada dela, como um mar encapelado, a única história que fazia sentido, e que, por isto mesmo, podia ser contada, era esta que eu contei aqui.

AFARRÁBIOS VIII

Pena que ninguém nunca acreditava nela, coitada.

Sempre achei, só por ter tido a sorte de viver este romance, que minha tia morreu rabugenta, porém, plenamente satisfeita de felicidades.

Tarde demais. O pobre fusca já não podia mais esperar

Acerca do que se contaria, portanto, quem ficou com a última hipótese foi mais feliz: “História de amor transbordado de algum mar simbólico destes, esparramado por aí”, foi esta a idéia que desfieei aqui, para ela, a minha amiga íntima, ainda tensa, atenta ainda aos capetinhas de sua própria alma, mas, já se acalmando, aos poucos. Como minha tia.

Foi para todos, no entanto que contei a história que nunca ninguém contou pra mim, inventada que talvez tenha sido, agora mesmo, entre uma golada e outra de uma cerveja amarga de tanto esperar aquela calma dela que, enfim, veio, escorrendo por entre os seus olhos que, desconfiando do descabelado da trama, pouco a pouco foram sorrindo, soltos, exatamente como eu os queria, límpidos. Lindos olhos incrédulos rindo para mim.

Meio tonto de cerveja, olhei meio de lado para ela e pensei na urgência de um futuro mais real para nós dois. Me espreguicei, me fingindo tranquilo e, tomando coragem, fui.

Pois foi assim também, emocionadamente, pegando afoito e corajoso a mão oferecida dela que, de amigos íntimos que éramos, viramos, desde então, enfim, amantes verdadeiros.

Voltamos para o fusca, abraçados, abastecidos com vários litros de gasolina emprestados pelos outros espectadores da história que, olhos marejados, nos aplaudiam tocados, muito mais pelo nosso mais que inusitado final feliz, do que pela história que teve aquele fim assim assim.

Acho que ela não quis, de modo algum, acabar sozinha, igual à minha tia.

AFARRÁBIOS VIII

E o velho fusca rangeu, grunhiu, tossiu e partiu.

... Ah, o poder insofismável que as histórias mal contadas têm.

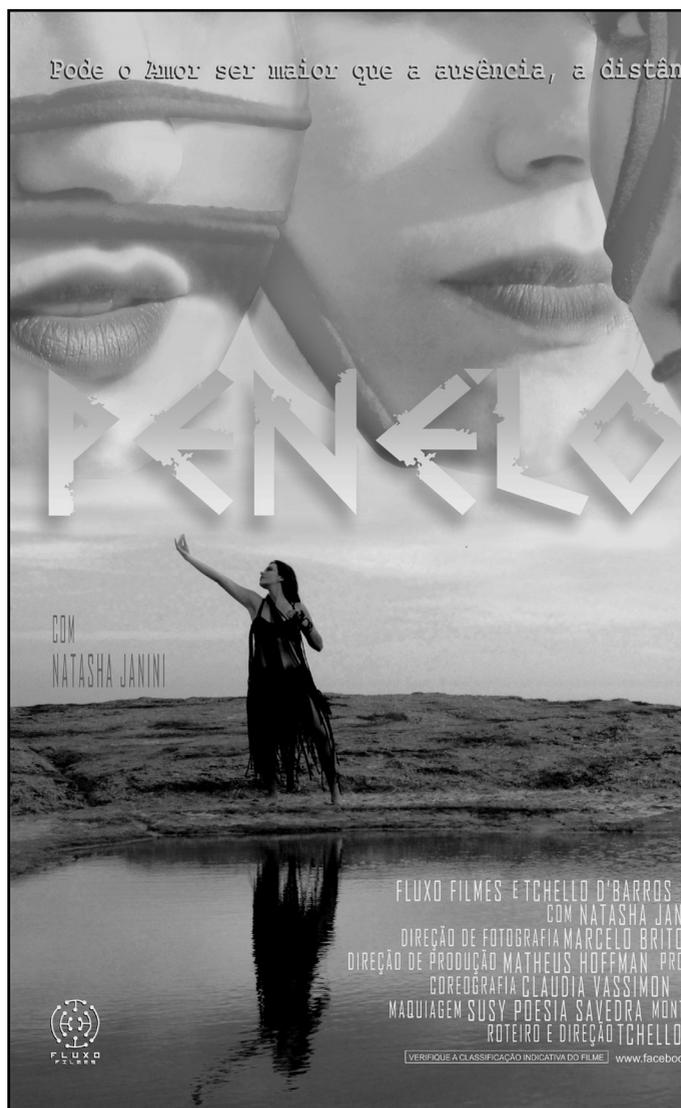
Spírito Santo

Setembro 2007

Tchello d'Barros

Tchello d'Barros

Neste 2018 o artista multimídia **Tchello d'Barros** comemora seu jubileu de prata de dedicação à Arte e à Cultura. Desde 1.993 que sua trajetória nas linguagens de Literatura, Artes Cênicas, Artes Visuais e Audiovisual vem sendo pontuada por textos publicados em mais de 50 livros e obras que participaram de mais de 150 exposições. Já no segmento da sétima arte, são cerca de 50 contribuições na condição de roteirista, diretor, fotógrafo de still e eventualmente diretor de arte e ator. Além de coordenar a exposição itinerante e retrospectiva da exposição individual de Poesia Visual “Convergências”, tem apresentado em diversas instituições sessões com seus filmes, como o documentário “Boi Misterioso”, os curtas “Namorada” e “Quantas Ave-Marias?”, o videoarte “Devorável” e os videodanças “Evanescências” e “Penélope”, este último pela Fluxo Filmes. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.



Cartaz - Videodança PENÉLOPE

“PENÉLOPE”

SINOPSE

Totalmente gravado em Niterói (RJ), o videodança “Penélope” é um mote para falarmos de afetos, de quando um grande amor pode estar além da distância, da ausência e da saudade. Como aceitar os fios do destino que aos poucos vai tecendo suas tramas em nossas vidas?

Nossa Penélope contemporânea e estilizada remete à amada do herói grego Ulisses, que não sabe se ele morreu na guerra de Tróia ou se retornará para seus braços.

À beira-mar em sua ilha, na esperança de ver um certo barco retornando, seus olhos fitam a linha do horizonte marítimo. Ela dança para o amado...

EQUIPE

Para realizar “Penélope” foram somados os talentos de Caroline Castro (Edição), Claudia Vassimon (Coreografia), Cris Cabus (Figurino), Lícia Cardozo (Produção e Still), Marcelo Brito (Direção de fotografia), Matheus Hoffman (Direção de produção), Monica Firme Maciel (Produção), Natasha Janini (Intérprete), Susy Poesia Savedra (Maquiagem) e Tchello d’Barros (Roteiro e Direção).

FICHA TÉCNICA

Gênero: Videodança

Categoria: Livre

Em Cores

Duração: 05:30 Min

Extensão: .MP4

Arquivo: 410 MB

Formato: 1920 X 1080

Ano: 2017

País: Brasil (Rio de Janeiro, RJ)

Fluxo Filmes - Coletivo de Audiovisual

Contato: fluxofilmes@yahoo.com.br

Nesta edição, o diretor Tchello d’Barros apresenta imagens do ensaio fotográfico da atriz Natasha Janini, intérprete de “Penélope”, pelas lentes da fotógrafa de still Lícia Cardozo.



AFARRÁBIOS VIII



TCHELLO D'BARROS

Thina Curtis
Thina Curtis
Thina Curtis
Thina Curtis



Thina Curtis iniciou sua experiência artística ainda na juventude, na cidade de Santo André acompanhando desde cedo o desenvolvimento cultural da cidade e depois de SP.

A paixão pelos fanzines e quadrinhos surgiu antes, o pai tinha uma banca de jornal e foi ali que a paixão pela leitura floresceu.

Professora, arte educadora, poeta, fanzineira e artista cultural,

É Idealizadora e a Coordenador Geral do evento itinerante Fanzinada, evento focalizado nos Fanzines, Publicações Independentes & Artes Integradas foi indicada 2 x na categoria melhor evento de publicações pelo Troféu HQ Mix em 2013 e 2017.

Em 2017 ao lado de Fabi Menassi ganharam o 33° Troféu Angelo Agostini na categoria melhor Fanzine de Quadrinhos com o Café Ilustrado (fanzine de poesias Ilustradas).

Em abril de 2018 foi Homenageada com Troféu de Honra ao Mérito pela Biblioteca & Gibiteka Prof, Max Zendrom (Barueri)

É uma das responsáveis pela criação do Dia Nacional do Fanzine, e tb a primeira a comemorar o Dia Internacional dos Fanzines no Brasil.

Tem desenvolvido um trabalho relevante na descentralização da produção cultural e na democratização dos acessos a cultura, viabilizando a circulação de grupos nacionais e internacionais através dos Fanzines.

utopia

Sonhos perdidos em solos distantes e desconhecidos

lágrimas e esperança é o único refúgio

feridas causadas pela própria humanidade

aquela que ainda precisa ser humanizada

Fuga

Sem destino certo

Mulheres, crianças, homens, pessoas, animais

Todos fogem sem cessar

fogem da fome, do destino

Noites e dias

O silêncio sussurra o caos e os gritos de dor

nas lágrimas que ardem em brasa

sem pátria, sem terra,

Imigrantes

buscam alimento, trabalho e refugio

Conforto

E algo que lembrem o lar materno,

nas lembranças sua cultura, suas memórias

As vezes um afago para amenizar suas tristezas e luto

AFARRÁBIOS VIII

Um choro mudo

Silenciado

Dilacerado

As cicatrizes queimam vivas

Mais ali no peito trazem alma

No coração

Amor

E esse amor

Contem o desejo maior

Paz, Igualdade

Resiliencia

Sem guerras e diferenças

Juntos nos transformaremos na evolução do homem, sem fronteiras

Juntos seremos diversidade

Utopia

Thina Curtis

Outono

Palavras não definem
meus poemas desalinhados
são nas noites de outono
que sinto uma certa quietude
minha alma se sente em paz
as noites são mais longas
mais intensas
la fora o frio, a garoa, uma canção em forma de chuva
e aqui dentro um café quente um papel e uma caneta
as ideias surgem no corpo gélido
do coração em brasa
são nestas noites que eu
poeta
solitária e reclusa
curto minha necessária solidão

thina curtis

Substance

A poesia não deixa de ser uma oração sigilosa e sagrada

Silêncios

os trago dentro de mim

Talvez seja as noites frias de insônia

de escritas e leituras solitárias

Memórias dos dias outonais, dos prazeres desconhecidos.

Marcam o papel os rabiscos de uma
caneta já quase sem tinta que falha

Rimas que vem e vão,

POESIAS

Escritas nos meus bilhetes de papel de pão

Acompanhadas de café e solidão

Devaneios,

ideias que divagam entre livros, discos e a “contemporânea” internet

Substâncias

Vícios

Versos sem nome

Partículas das canções acidas, marginais, viscerais pós punk

Do Ian Curtis

Ecoam na atmosfera cinza

AFARRÁBIOS VIII

Química

Física

Essências

Substancias

Thina Curtis

